W. Jackson Watts - O Significado de Livre Arbítrio

- Imprimir

Categoria: W. Jackson Watts
Publicado: Domingo, 01 Novembro 2015 17:31
Acessos: 3747

Poucas ideias são tão carregadas de bagagem quanto o *livre arbítrio*. Enquanto o debate entre deterministas e libertários é frequentemente um duelo intelectual entre filósofos, a questão de se as escolhas humanas são livres ou determinadas influencia incontáveis questões do cotidiano.[1] Robert Kane resume bem ao nomear as questões que dependem do debate “livre arbítrio versus determinismo”:

1. Agência moral e responsabilidade, dignidade, mérito, prestação de contas e culpabilidade, na ética;
2. A natureza e limites da liberdade humana, autonomia, coerção e controle, na teoria social e política;
3. Questões de compulsão, vício, domínio próprio, autoengano e fraqueza da vontade, na psicologia filosófica;
4. Suscetibilidade, responsabilidade penal e punição, na teoria legal;
5. As relações entre mente e corpo, consciência e a natureza da ação e da pessoalidade, na filosofia da mente e do cognitivo e das neurociências;
6. A natureza da escolha racional e racionalista, em filosofia e teoria social;
7. Questões de presciência divina, predestinação, o mal e a liberdade humana, na teologia e filosofia da religião;
8. Questões metafísicas gerais quanto à necessidade e possibilidade, determinismo, tempo e acaso, realidade quântica, leis da natureza, causa e explicação, em filosofia e nas ciências.[2]

Pensar em liberdade e fatalidade é realmente inevitável, como quando assistimos ao filme *A Origem* (*Inception* – 2010) ou *Os Agentes do Destino* (*The Adjustment Bureau* – 2011), experimentamos ansiedade quanto ao histórico médico da família ou simplesmente lemos a Bíblia.

É esta última área (número 7 de Kane) que concerne à maioria dos cristãos. Portanto, este ensaio oferece uma definição e breve explicação de livre arbítrio e faz uma exposição do contexto no qual este assunto se insere nas discussões teológicas em andamento.

Esclarecendo os termos

Tradicionalmente acreditava-se que uma pessoa possuía livre arbítrio quando (1) ela pudesse escolher entre diferentes possibilidades e (2) a origem de suas escolhas era interna e não coagida. Por exemplo, eu posso escolher entre sorvete de creme ou chocolate, mas, se alguém estiver me ameaçando sob a mira de uma arma para que eu escolha creme, então é duvidoso que a minha decisão seja realmente livre. Eu ainda poderia *escolher* chocolate, porém correndo grande risco.

Estas duas premissas têm mais de um nível para se considerar. Por exemplo, o que constitui coerção? Mesmo que uma decisão pareça ter origem no meu interior, seria possível que ela tivesse de fato sido influenciada por fatores além da minha consciência? Rapidamente vemos que o debate a respeito do livre arbítrio se torna complicado. Como escreve Kane: “O livre arbítrio se torna um problema quando... os seres humanos se conscientizam do quanto o mundo pode estar-lhes influenciando de maneiras antes desconhecidas”.[3]

O determinismo surge como um rival ao livre arbítrio quando se considera como as escolhas podem não ser tão livres quanto parecem. Em sua forma mais simples, o determinismo é a crença de que todo o acontecimento ou escolha tem uma causa.[4] Mais especificamente, é uma causa que supera a capacidade da pessoa para fazer o que de outra forma seria uma escolha livre. Algo pode ser determinado com base teológica (“Deus o fez assim”), base biológica (“o aparecimento da doença era geneticamente inevitável”),

base lógica ("todos os acontecimentos, inclusive as escolhas humanas, têm uma causa prévia") ou com outra base. Isto suscita mais perguntas que exigem explicação.

Mesmo o defensor mais militante da liberdade humana reconhece que acontecimentos passados, escolhas e outros fatores influenciam decisões futuras. Posso declarar com alguma razão que nunca jogarei beisebol profissional. É logicamente impossível? Não, pois tudo que preciso fazer é me apresentar para os treinamentos da primavera, cair nas graças do treinador ou de um cartola e conseguir um contrato. Minhas decisões prévias, entretanto, quanto ao meu treinamento atlético (juntamente com o tipo físico da família Watts!) moldaram a minha vida de tal modo que é praticamente impossível que possa fazer isto hoje em dia. Será que isto significa que a livre escolha é uma ilusão, já que esta opção de carreira não está disponível para mim? De um ponto de vista prático, *não*.

É possível ver como as ramificações deste assunto têm longo alcance – muito além do espaço que me é disponível. No entanto, outro componente deste debate que nos ajuda a responder esta questão é se as escolhas podem ser livres e determinadas ao mesmo tempo. Mais especificamente, podemos ser moralmente responsáveis pelas nossas decisões, até por aquelas que são determinadas? Os compatibilistas creem que sim.

Compatibilistas creem que é possível que escolhas sejam ao mesmo tempo livres e determinadas. Apesar de construírem diferentemente seus argumentos, os compatibilistas não creem que o determinismo descarte a liberdade. Eles ficam mais preocupados em preservar a responsabilidade moral e a autêntica escolha humana enquanto reconhecem as óbvias forças que determinam a vida humana.

Este debate continua até o presente sem que nenhum dos lados adquira a primazia por muito tempo.

Juntando tudo: Deus, moralidade e salvação

O interesse que a maioria dos cristãos tem com esta questão está dividido em três áreas:

1. Podemos ser livres se Deus já conhece o futuro?
2. Podemos ser moralmente responsáveis se o determinismo for verdade?
3. Quais são as implicações que o livre arbítrio ou o determinismo tem para a salvação?

Cada uma destas questões merece seu próprio ensaio, no entanto, tentarei considerar brevemente como duas propostas comuns (um para o livre arbítrio e o outro para o compatibilismo) oferecem algumas opções primárias para responder a tais questões.

Surgiu uma controvérsia há vários anos atrás, quando alguns membros da Evangelical Theological Society (Sociedade Teológica Evangélica) adotaram o "teísmo aberto". Resumidamente esta posição defende que, se o futuro está de fato aberto, baseado em escolhas humanas genuínas, então está, até certo ponto, além do conhecimento de Deus. Os teístas abertos consideram que este ponto de vista é biblicamente justificável e filosoficamente útil. Se Deus conhece o futuro e o seu conhecimento do futuro é certo, então como podem as decisões do futuro ser escolhidas livremente? Os teístas abertos pareciam ajudar a lidar com o problema.

Já se tratou deste problema mais de uma vez (talvez o mais conhecido seja Boécio, no 6º século). No entanto, Robert Picirilli tem dado uma resposta clara e contemporânea:

> *Apesar de não conseguirmos conhecer o futuro, podemos conhecer os acontecimentos passados e saber que são certos. A certeza reside em sua facticidade e nosso conhecimento a respeito deles não afeta a sua facticidade. O conhecimento surge da nossa consciência dos fatos. Da mesma forma, Deus conhece de antemão com certeza tudo que está no futuro. Esta certeza dos acontecimentos futuros não reside em sua necessidade, mas na sua simples facticidade. Serão da forma que serão... e Deus sabe que o serão porque tem uma consciência perfeita, de antemão, de todos os fatos. Mas este conhecimento em si, apesar de ser presciência, não tem efeito causal nos fatos, assim como nosso conhecimento de certos acontecimentos passados não o tem.*[5]

Para os defensores do livre arbítrio desafiados pela primeira questão apresentada anteriormente, Picirilli nos ajuda a ver uma distinção importante entre a certeza e a necessidade. Por extensão, muitos adotam tal perspectiva sobre a liberdade e a presciência porque creem que ela preserva o livre arbítrio, a

soberania de Deus, como também a responsabilidade moral. Afinal, se minhas decisões (inclusive as pecaminosas) são predestinadas, como posso ser moralmente responsabilizado? Quanto, porém, à relação entre liberdade e salvação, as diferentes tradições teológicas oferecem as suas explicações.

D. A. Carson, talvez o expositor do compatibilismo teológico mais acessível, argumenta que as seguintes proposições são afirmadas na Bíblia: (1) Deus é absolutamente soberano [determinismo], mas não de uma maneira que elimine a responsabilidade humana e (2) seres humanos são criaturas moralmente responsáveis que tomam decisões significativas, apesar de que jamais de forma que torne Deus contingente a eles.[6] Carson defende que isto é o que pressupõe incontáveis passagens bíblicas.

Apesar de o compatibilismo parecer atraente aos cristãos que tentam levar em consideração os pontos fortes de ambos os pontos de vista, ao se fazer uma inspeção mais acurada do compatibilismo, observa-se que tem uma definição diferente para o livre arbítrio. O livre arbítrio acaba significando "a capacidade de fazer o que se deseja". Portanto, dá-se a aparência de estar escolhendo de acordo com a sua vontade. Libertários diriam que esta abordagem presume um ponto de vista ilegítimo do livre arbítrio para preservar a responsabilidade das escolhas humanas.

Algumas reflexões para concluir

Como na maioria dos debates, a definição de termos é crítica. Uma das razões pelas quais se sustenta a liberdade humana, mesmo por aqueles que defendem o determinismo, é que se tem limitado a definição convencional do livre arbítrio para que signifique escolher fazer *o que se deseja*.[7] Qualquer que seja a definição que se dê, ela deve ser bem articulada para que uma avaliação correta de qualquer ponto de vista possa ser feita.

Em segundo lugar, tanto os defensores do livre arbítrio como do determinismo ou do compatibilismo têm os seus pontos de pressão. Talvez esta seja a natureza da tentativa humana de desvendar um mistério. Apesar de filósofos e cientistas terem seus desentendimentos, teólogos que lidam com esta questão desafiadora devem ser honestos quanto às tensões e limitações de seus sistemas de explicação.

Finalmente, devemos lembrar que esta área da teologia não é uma discussão resolvida. Os que (como eu) creem que o determinismo não dá respostas satisfatórias a algumas questões-chave, como o problema do mal, devem continuar tentando articular uma explicação bíblica para a liberdade e a soberania de Deus para cada nova geração. É insuficiente nos concentrarmos nas fraquezas dos pontos de vista das explicações contrárias. A virtude intelectual requer que verifiquemos que o ponto de vista que oferecemos satisfaz às fraquezas das outras explicações.

Fonte: http://www.helwyssocietyforum.com/?p=4066 (acesso em 23 de setembro de 2013)

Tradução: Kenneth Eagleton.

---

[1] Estou simplesmente usando o termo "libertário" para aqueles que defendem o entendimento tradicional do livre arbítrio. Determinismo (se o nome já não o identifica suficientemente) será definido mais à frente.

[2] Robert Kane, "Introduction: The Contours of Contemporary Free Will Debates," em *The Oxford Handbook of Free Will*, editor Kane (NY: OEP, 2002), 4.

[3] Kane, 5.

[4] Theodore Sider, "Free Will and Determinism," em *Riddles of Existence: A Guided Tour of Metaphysics*, Sider and Conee (New York: Oxford University Press, 2007), 113.

[5] R. E. Picirilli, "*Freedom, Foreknowledge, and the Future*," *JETS* 43/2 (Junho 2000) 259–271.

[6] D. A. Carson, *How Long, O Lord? Reflections on Suffering and Evil* (Grand Rapids: Baker Academic, 2006), 179-191. Robert Peterson oferece uma perspectiva semelhante em *Election and Free Will: God's Gracious Choice and Our Responsibility* (P&R, 2007).

[7] Em geral estas pessoas afirmam a definição tradicional do livre arbítrio, mas somente antes da queda do homem. Após a queda, a liberdade foi perdida e se torna uma simples escolha de criaturas depravadas – portanto, a necessidade da intervenção de Deus para salvar, já que as pessoas nunca por si mesmas escolheriam livremente a Deus (calvinistas e arminianos da Reforma concordam neste ponto).